

A VIDA É UM ETERNO AMANHÃ: AUTOFIÇÃO E DESCENTRAMENTO NA CRÔNICA DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Débora da Silva Chaves Gonçalves¹
Fernanda Aquino Sylvestre²

RESUMO: Este artigo propõe um passeio pela crônica “A vida é um eterno amanhã”, de João Ubaldo Ribeiro, com a intenção de analisar a visão que o autor tem de si no desenvolvimento da crônica e como essa visão é modificada ao alcançar o leitor através de uma troca entre ele e o autor. Nessa narrativa, o cronista apresenta uma de suas experiências durante sua estada em Berlim, na Alemanha e usa trocadilhos do idioma e da tradução brasileira do termo “amanhã” numa tentativa de representar os vários significados possíveis por trás da palavra. Sendo assim, lançamos mão de conceitos de representação e identidade para exprimir a constante remissão ao descentramento da vida cotidiana, a fim de questionar a autoficção como um processo identitário e como uma revisitação do sujeito ao lugar do outro.

Palavras-chave: Autoficção; crônica; João Ubaldo Ribeiro.

THE LIFE IS AN ETERNAL TOMORROW: AUTOFICTION AND DECENTRALIZATION IN THE CHRONICLE OF JOÃO UBALDO RIBEIRO

ABSTRACT: This article proposes to study the chronicle "Life is an eternal tomorrow", by João Ubaldo Ribeiro, intending to analyze the author's vision of himself in the development of the chronicle and how this vision is modified by reaching the reader through the exchange between him and the author. In this narrative, the writer presents one of his experiences during the time he spent in Berlin, Germany, and uses puns of the Brazilian language and translation of the term "tomorrow" in an attempt to represent the various possible meanings behind this word. We use some concepts of representation and identity to express the constant remission to the decentralization of everyday life, to question autofiction as an identification process and a revisiting of the subject to the place of the other.

Keywords: Autofiction; chronicle; João Ubaldo Ribeiro.

Nos últimos anos, a autoficção tem aparecido com bastante frequência nos estudos acadêmicos. Quase sempre, essa temática tem sido discutida e questionada por apresentar fragilidades em sua definição, ou mesmo, por se tratar de uma questão muito polêmica e conflitante. Há alguns pontos, nesses conflitos apresentados, que, ao mesmo tempo em que parecem afastar as extremidades, caminhando para um descentramento, também as une, fazendo com que haja um aspecto de identidade, somando-as e completando-as a fim de, como

¹ Doutoranda em Estudos Literários; Professora de Língua Portuguesa - Município de Pojuca – BA.

²

resultado, propor um novo olhar sobre as formas de experimentar o horizonte verdadeiro que se posta como uma estratégia de deter o poder sobre os fatos, sobre as pessoas, sobre a vida e, dessa forma, alcançar uma transposição de fronteiras existentes entre o passado, o presente e o futuro (ANDERSON, 2008).

Em princípio é importante dizer que, diferente da autobiografia, definida por Arfusch (2010) como um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual, particularmente, a história de sua personalidade” (p.37), a autoficção caminha para além de uma retrospectiva ou de um relato. Sua principal característica não está centrada na narração do fato, mas em sua modificação; naquilo que pode ser alterado, revisitado e reinventado; ou seja, a autoficção pega o fato, modifica-o, transforma-o, torna a figurá-lo e, em seguida, oferece ao leitor. Quando essa sequência de acontecimentos se desdobra na narrativa, de alguma maneira, o texto mantém o tom de romance, de intriga e de realidade, embora sua essência esteja sempre na ficção. A base do texto se estrutura para que a história inventada penetre a alma daquele para a qual foi criada (o leitor) e para que se configure uma leitura (um envolvimento) efetiva.

Dessa forma, a troca simbólica presente no texto autoficcional faz com que exista uma participação simultânea do autor, do escritor, do narrador e, ainda, do leitor, criando e “descriando” laços necessários entre eles para realizar o trânsito realidade-ficção. E esse trânsito vem sempre acompanhado de símbolos e metáforas, mostrando a imprevisibilidade em oposição àquilo que é possível no texto (Santiago, 1992).

O termo autoficção foi criado por Serge Doubrovsky (1977) quando se sentiu desafiado por Philippe Lejeune no livro *Le pacte autobiographique* (1975), em que Lejeune indagava a possibilidade da existência de um romance com o nome do próprio autor. Com a inquietação, Doubrovsky decidiu escrever um romance sobre si próprio e assim criou o termo *autoficção* para nomear o gênero do seu livro *Fils*.

Autobiografia? Não, isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer (DOUBROVSKY, 1977, p.10)

Observamos, com o trecho citado, que Doubrovsky nos informa que quando se escreve autobiografia, há uma estranha tentativa de se contar a própria história desde o seu nascimento, com fatos marcantes e relevantes alternados em diferentes fases, para dar uma certa credibilidade, necessária ao romance. Com isso, a autoficção se tornou uma ficcionalização de situações e acontecimentos reais, experimentados pelo escritor, que entrou para a classificação de gêneros, embora seus usuários ainda sejam bastante criticados por fazerem uso do termo de maneira indiscriminada.

Para Doubrovsky (1977), a autoficção é um dispositivo simples, pelo menos de início, de fácil interpretação: uma narrativa em que o autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e essa narrativa indica claramente que se trata de um romance. No entanto, ao longo dos anos (e dos estudos), essa definição tão simples começa a se afastar e avançar para algo mais polêmico. A autoficção deixou de se opor à autobiografia, para se tornar uma espécie de sinônimo, ou talvez uma variante dela.

Seguindo a definição de Philippe Gasparini (2014), em seu ensaio intitulado “Autoficção é o nome de quê”, podemos dizer que a autoficção é sim um gênero ou uma categoria genérica aplicada, primeiramente, a textos literários contemporâneos. No entanto, não foi sempre assim, pois quando Doubrovsky criou o termo no livro *Fils* o objetivo era designar o texto, ressaltando sua singularidade. Logo, tratava-se de uma experiência de análise, uma forma de especificar o que estava no campo do inconsciente.

Para esse artigo, a definição de Gasparini é a que traduz a melhor maneira de analisar a crônica em questão, especialmente quando observamos João Ubaldo Ribeiro compartilhando uma experiência pessoal acerca da definição do termo “amanhã”, (in “A vida é um eterno amanhã”, publicada no livro *Um brasileiro em Berlim* (1993) com o título “Vida organizada”) usado na crônica para construir seu texto e tentar fazer com que o leitor seja coparticipante de sua análise textual.

Ao usar a autoficção, o cronista opta por construir um texto baseado em seu relato de experiências, tornando-se o personagem mais importante de sua narrativa e, ao mesmo tempo, distanciando o relato daquilo que, obrigatoriamente, precisaria ser real. Então, há um jogo de histórias, inventadas ou não, que caminham em diferentes direções e, até mesmo, se afastam da centralidade que um romance “convencional” poderia oferecer ao leitor atento.

Por outro lado, esse mesmo relato pode oferecer uma aproximação entre aquilo que pode ser construído a partir de algo não existente. Sendo assim, sempre haverá a dúvida: essa história é ou não real? Essa crônica, narrada em primeira pessoa, com traços que desenham uma realidade comum a todos os leitores está sendo fiel ou não ao real classificado como realidade?

A crônica é conhecida por ser um gênero rápido, atualizador; com acontecimentos simultâneos que podem retratar tanto o presente, como o passado ou o futuro. Historicamente, mesmo cumprindo um papel destacado na tradição cultural-literária brasileira, a crônica passou e passa por momentos de altos e baixos e constantemente é exposta à polêmica e à discussão de natureza teórica ou formal.

O cronista, representado pela figura daquele que registra, é consequência dessa incerteza ou ambiguidade da crônica que tanto serve a um homem de letras, como também ao mais puro jornalismo. São muitos os cronistas brasileiros que pertencem a ambas vertentes, desde o mais engajado homem de letras singular que tem na crônica um exercício de ofício único, como o caso notório de Rubem Braga (que escreveu tão somente crônicas no que tange ao texto literário), até escritores que fizeram da crônica uma extensão ou desdobramento de seus escritos e, neste caso, foram decisivos para a conquista de espaços para este gênero breve, como é o caso de Machado de Assis, no século XIX, e João Ubaldo Ribeiro, em fins do século XX.

Para este artigo, a crônica de João Ubaldo Ribeiro nos ajudou a localizar o desafio e a pertinência das discussões sobre autoficção e descentramento, uma vez que o autor, embora reconhecidamente vinculado à produção de romances, não deixou de ser reconhecido também como cultor da crônica e sua natureza controversa que, associada às características que a delimitam, como a efemeridade ou ao registro funcional e célere do presente, nos dá segurança para afirmar que o seu estudo pode ser revelador de questões que afligem este presente chamado contemporâneo.

Em João Ubaldo Ribeiro, a crônica adquire uma dimensão extraordinária, especialmente quando observamos o tema da autoficção como eixo teórico que subliminarmente parece preencher os espaços de suas motivações. Essa autoficção, presente tanto nas crônicas como nos romances ubaldianos, é revestida de um tratamento simbólico de tamanha força que se tornou um delicioso aperitivo para o entendimento das complexas relações que regem sua influência nos escritos do autor.

O descentramento pode ser pensado a partir da base de identidade. Ora, se algo se direciona para o centro, pode ser considerado como algo natural, que segue o fluxo normal das indicações. Por outro lado, tudo o que caminha no sentido inverso daquilo que consideramos como centro, podemos então considerar como descentralizado. Mas o que seria de fato o centro? Como encontrar a direção correta do centro em um momento onde não existe mais uma única referência e, sim, várias? Ora, se já não temos um centro, então todas as direções estariam voltadas para um descentramento.

É fato que a identidade de um sujeito está marcada por traços característicos dos lugares por onde ele transita, com isso, são nesses mesmos lugares que surgem as diversas formas de identidade e de busca por uma centralidade experimentada. São nesses lugares que o sujeito visualiza o ponto de apoio para as diversas experiências que se somarão à sua aquisição pessoal. Assim, é natural que, em se tratando de um escritor, um cronista, um narrador ou outro do gênero, sua vivência de registro ficcional também visite esses lugares. No entanto, é no lugar do outro que a razão do próprio desejo de legitimação e de valorização de suas experiências é confirmada.

No lugar visualizado de fora para dentro, o cronista (escritor/autor/narrador) é capaz de fazer um caminho inverso àquele que poderia ser considerado natural, ou seja, a busca pelo centro. Esse outro lugar pode ser notado a partir de uma condição arquetípica da contemporaneidade, expressa em teóricos como Edward Said (2008) e Homi Bhabha (2007), que também tiveram suas experiências fragmentadas nos deslocamentos da vida, uma vez que, provenientes de centros periféricos, transitam em direção a culturas diferenciadas.

Os lugares, por sua vez, são as representações que vão traduzir a ponte entre o que se vive, como experiência do real, e o que se deseja viver, baseado naquilo que é possível ficcionalizar. Então, o descentramento funciona como uma quiçá ponte de acesso que leva há muitos lugares e nesses lugares o sujeito pode interagir e se relacionar com diversos outros sujeitos (em si ou no outro) e ainda, com o mundo à sua volta.

É nesse constante movimento que se podem encontrar resíduos da vida, dos amores, das histórias, e, sobretudo, da memória do seu passado e de tudo o que esse passado representa na construção dessa identidade mutante. Esses inúmeros registros individuais funcionam como marcas coletivas que possibilitarão a elaboração da(s) identidade(s) desse sujeito.

Todo descentramento deixa marcas, subsídios da história individual que se confundem com a história coletiva, especialmente pelo fato de haver um reconhecimento com as histórias dos colaboradores da narrativa, por intermédio da troca e do pacto ficcional. Então, em cada leitura realizada da crônica, por exemplo, se materializa um pouco da ficção que conta a história do seu próprio criador, construindo, assim, a autoficção.

Há uma zona de convergência entre a ficção e a realidade que se firma na elaboração dos acordos simbólicos existentes entre elas. E ainda é possível perceber o pacto ficcional entre leitor e autor, descrito por Lejeune e Noronha (2008), como sendo um acordo que se estabelece entre leitor e texto, no sentido de não se questionar o estatuto fantasioso de uma obra. Portanto, já está implícito no ato da leitura, que o leitor deseja encontrar ao iniciar determinada leitura,

bem como, ao escrever uma obra ficcional, o escritor acaba formulando que tipo de leitor deseja encontrar, embora ele não saiba exatamente o leitor que se dedicará a sua obra.

Uma leitura apurada da crônica já seria suficiente para identificar algumas referências que convergem para a autoficção. Não há como o sujeito realizar essa leitura sem que isso interfira completamente em sua própria experiência e não há como essa experiência não provocar uma mudança repentina nas atitudes e na maneira de pensar desse leitor.

Beatriz Sarlo (2006), em seus registros sobre o desafio do pós-moderno, acenou essa descentralização ao comparar a identidade (ou a busca dela) a um *shopping center*. Onde estaria o centro do *shopping*, se sua forma circular ou irregular não nos permite encontrar uma linha de início/fim? Assim também seria um texto escrito em crônica. Embora ele tenha um início narrativo, não significa que ali seja o seu ponto de partida, uma vez que o seu maior desafio está justamente na condição de permanecer sequencial mesmo diante da inserção de tantas novas inclusões históricas e/ou ficcionais. A crônica, então, estaria em constante descentralização, afinal, o seu objetivo não está em seguir uma regra e sim em trazer uma narrativa rápida, eficiente e atualizadora, acompanhando as necessidades desse tempo contemporâneo.

A crônica usada para análise desse artigo, intitulada “A vida é um eterno amanhã”, foi publicada na coletânea *Um brasileiro em Berlim*, sob o título “Vida organizada”. Recebeu o primeiro título em diferentes *sites* em que foi publicada na *internet*, provavelmente pelo fato de a frase célebre ter sido usada de maneira bem aproveitada em um dos diálogos-chave da crônica, fazendo com que a sua utilização desse uma ênfase mais apropriada ao título do que o próprio título que recebeu. Por isso, também optamos por usar esse título.

Na primeira parte da crônica, João Ubaldo provoca o leitor, dando uma pequena descrição das diferentes combinações e definições para o termo “amanhã”. Essa apresentação parece ser oferecida ao leitor como uma espécie de referencial para colocar as coisas em ordem e, em seguida, descentralizá-las:

As traduções são muito mais complexas do que se imagina. Não me refiro a locuções, expressões idiomáticas, palavras de gíria, flexões verbais, declinações e coisas assim. Isto dá para ser resolvido de uma maneira ou de outra, se bem que, muitas vezes, à custa de intenso sofrimento por parte do tradutor. Refiro-me à impossibilidade de encontrar equivalências entre palavras aparentemente sinônimas, unívocas e univalentes. Por exemplo, um alemão que saiba português responderá sem hesitação que a palavra portuguesa "amanhã" quer dizer "morgen". Mas coitado do alemão que vá para o Brasil acreditando que, quando um brasileiro diz "amanhã", está realmente querendo dizer "morgen". Raramente está. "Amanhã" é uma palavra riquíssima e tenho certeza de que, se o Grande Duden fosse brasileiro, pelo

menos um volume teria de ser dedicado a ela e outras, que partilham da mesma condição. (RIBEIRO, 2011, p. 18)

Nessa crônica, depois de apresentar toda essa informação sobre o assunto que será tratado ao longo da leitura, João Ubaldo narra uma das experiências que teve com a língua alemã, durante o período em que morou na cidade de Berlim. Trata-se de um telefonema em que recebia o convite para uma palestra, conforme podemos observar no fragmento destacado abaixo:

Falo por experiência própria. *When in Rome do as the Romans*, do ditado que deve ter uma versão latina muito mais chique, mas, infelizmente, não disponho aqui de meus livros de citações, para dar a impressão aos leitores de que leio Ovídio e Horácio no original. Mas, em inglês ou em latim, acho esse um pensamento de grande sabedoria e procuro segui-lo à risca, na minha atual condição de berlinense, tanto assim que, não fora minha tez trigueira e meu alemão abestalhado, ninguém me distinguiria, fosse por traje ou maneiras, dos outros berlinenses bebericando uma cervejinha ali na Adenauerplatz. Fica tudo, porém, muito difícil em certas ocasiões, como hoje mesmo. O telefone tocou, atendi, falou um alemão simpático e cerimonioso do outro lado, querendo saber se eu estaria livre para uma palestra no dia 16 de novembro, quarta-feira, às 20:30h. Sei que é difícil para um alemão compreender que esse tipo de pergunta é ininteligível para um brasileiro. (RIBEIRO, 2011, p. 17)

Com base no trecho destacado é possível observar que João Ubaldo, mesmo já se considerando um cidadão berlinense, ainda trazia em seu comportamento uma postura que ele mesmo considerava bastante brasileira, como a utilização do termo “amanhã”. Ao lermos o relato, podemos reconhecer alguns traços bem marcantes do autor por trás do texto. Para quem conheceu um pouco do escritor seria possível identificá-lo na queda pela “cervejinha” ou mesmo em sua discreta e modesta forma de falar do conhecimento de outras línguas (uma vez que ele mesmo traduziu para o inglês alguns de seus livros mais vendidos, como *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*). Esse mesmo Ubaldo, de fato viveu em Berlim por longos anos, onde colaborou com suas crônicas para diversos jornais e revistas e palestrou em muitas Universidades.

Ubaldo convida seu leitor a compor o apurado trabalho de afirmação da experiência, criando o discurso autoficcional para expressar aquilo que sozinha, talvez, a crônica não fosse capaz de dizer. Diante disso, é possível destacar uma representação, ou seja, uma nova apresentação, em forma de atitudes, que pode trazer à visibilidade fatores que se juntam para traduzir esses fenômenos de instabilidade ora apresentados, expressos em gestos, palavras e demais formas de interpretação do sujeito: a identificação.

"Amanhã" significa, entre outras coisas, "nunca", "talvez", "vou pensar", "vou desaparecer", "procure outro", "não quero", "no próximo ano", "assim que eu precisar", "um dia destes", "vamos mudar de assunto", etc. e, em casos excepcionalíssimos, "amanhã" mesmo. Qualquer estrangeiro que tenha vivido no Brasil sabe que são necessários vários anos de treinamento para distinguir qual o sentido pretendido pelo interlocutor brasileiro, quando ele responde, com a habitual cordialidade nonchalante, que fará tal ou qual coisa amanhã. O caso dos alemães é, seguramente, o mais grave. Não disponho de estatísticas confiáveis, mas tenho certeza de que nove em cada dez alemães que procuram ajuda médica no Brasil o fazem por causa de "amanhãs" casuais que os levam, no mínimo, a um colapso nervoso, para grande espanto de seus amigos brasileiros – esses alemães são uns loucos, é o que qualquer um dirá. (RIBEIRO, 2011, p. 18)

Analisando a citação acima podemos compreender que durante todo o tempo de leitura, vários elementos são incluídos e identificados na troca identitária realizada entre o cronista e o leitor. É importante observar que ele faz questão de trazer o leitor para comprovar sua afirmação. O que poderia ser apenas um recurso literário ganha uma gradação tão significativa que pode ser capaz de modificar toda a estrutura da leitura. Sendo assim, há um reconhecimento, por intermédio da identidade, que implica diretamente nessa representação. Sobre esse reconhecimento, Bhabha (2007) apresenta o seguinte esclarecimento:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação... é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2007, p. 77)

A partir da compreensão auxiliada pelo trecho acima, Bhabha nos oferece uma definição objetiva acerca dessa questão da identificação como uma produção de imagens de identidades, ou seja, aquilo que vemos no “outro” que é capaz de nos representar e nos definir, mostrando quem realmente somos e quem realmente seremos a partir de uma identificação contínua, que não se esgota, não se esvazia, antes se modifica e se desdobra em representações.

Observando, ainda, a crônica de Ubaldo, encontramos fragmentos que nos dão mais informações sobre a tarefa de falar e de construir um texto sobre si mesmo:

- Mulher - disse eu, depois de pedir que o telefonador esperasse um bocadinho.
- Eu tenho algum compromisso para o dia 16 de novembro, quarta-feira, às 20:30h?
- Você está maluco? - disse ela. - Quem é que pode responder a esse tipo de pergunta?
- Eu sei, mas tem um alemão aqui querendo uma resposta.
- Diga a ele que você responde amanhã.

- E quando ele telefonar amanhã? Ele é alemão, ele vai telefonar amanhã, ele não sabe o que quer dizer amanhã.
- Ah, esses alemães são uns loucos. Você é escritor, invente uma resposta poética, diz a ele que a vida é um eterno amanhã. (RIBEIRO, 2011, p. 18)

É interessante como esse diálogo demonstrado acima possibilita uma aproximação eficiente entre a realidade (conhecida como real) e a ficção (registrado em crônica). No trecho em questão, o narrador João Ubaldo conta os detalhes de seu diálogo ao telefone e mostra, por intermédio da fala de sua esposa, que o brasileiro é sempre um brasileiro (mesmo que esteja em Berlim). Mostra, ainda, que se ele tentasse negociar com o “telefonador”, ainda assim teria que ter uma resposta concreta em algum momento, afinal, o seu interlocutor, era alemão.

Ao chegarmos ao final da crônica, então, podemos constatar, enfim, a confirmação de que todo o caminho percorrido entre Ubaldo e o leitor agora estão unidos no mesmo sentimento e na mesma sensação de reconhecimento. Isso se dá pelo fato de que todos os elementos possíveis a um entendimento e um reconhecimento analítico do texto foram efetivados e concluídos com êxito. Ele escreve:

- Achei uma ideia interessante, mas não a usei, apenas disse que ele telefonasse amanhã. Mas claro que não sei o que dizer amanhã e fui dormir preocupado, tanto assim que ainda incomodei minha mulher com uma cotovelada. Afinal, os alemães são organizados, é uma vergonha a gente não poder planejar as coisas tão bem quanto eles. Que é que eu faço?
- Ora - respondeu ela, retribuindo já cotovelada -, pergunte a ele se os alemães planejaram a reunificação para agora. E, se ele for berlinense, pergunte se ele não preferia deixá-la para amanhã.
- *Touché* - disse eu, puxando o cobertor para cobrir a cabeça e resolvendo que amanhã pensaria no assunto. (RIBEIRO, 2011, p. 19)

Em síntese, quando Ubaldo narrador encerra o diálogo com sua esposa e parte para a decisão de só pensar sobre o tal assunto “amanhã”, é como se ele decidisse, ao mesmo tempo, sobre o fato de também decidir sobre o leitor e acaba fazendo-o concordar com essa atitude. Essa troca simbólica na identificação com a leitura está se movimentando e se transformando em uma também cumplicidade, que parte do individual para o coletivo, mas que, sobretudo, reúne toda a história e a experiência resultantes da imaginação que se tem a partir do olhar externo de si e, especialmente, o olhar que se espera que o outro tenha de nós.

Logo, é o outro que prova o desejo do ser. Por isso, o outro é o verdadeiro dado inicial e não o sujeito, pois a diferença de outras culturas diverge do excesso de significação, do traço ou da trajetória do desejo, e essas são estratégias necessárias para combater o “etnocentrismo”, mas não podem, a partir de si mesmas não reorganizadas, representar essa identificação. Podem,

entretanto, afirmar que é na ambivalência do uso do “diferente” – ser diferente daqueles que são diferentes faz de você o mesmo – que o inconsciente fala da forma da alteridade, a sombra amarrada do adiantamento e do descentramento.

Sendo assim, a posição da autoficção e do descentramento pôde ser identificada em toda a crônica. Um processo identitário, visualizando o sentido do outro sempre será a melhor maneira de reconhecer o olhar sobre si e esse afastamento daquilo que por vezes tentamos ser, mas não somos. Ao se colocar como a principal fonte de compreensão para uma verdadeira identidade do sujeito, o cronista se presta a um reconhecimento recíproco e contundente, que não abre mão de ser o que deseja apresentar e, principalmente, ser para o outro. Com isso, o uso da crônica “Vida organizada” trouxe um diálogo produtivo com a temática proposta, uma vez que sua temática nos propiciou a compreensão das teorias aqui discutidas e de uma verificação dessas teorias dentro do campo da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARFUSCH, Leonor. *O espaço bibliográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. EddUerj: Rio de Janeiro, 2010.

BHABA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2007.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils: roman*. Paris: Éditions Galilée, 1977.

DOUBROVSKY, Serge. *O último eu*. In *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, pp. 111-126.

GASPARINI, Philippe. *Autoficção é o nome de quê?* In *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, pp.181-222.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

LEJEUNE, Philippe. *Autoficção & CIA: Peça em cinco atos*. In *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, pp. 21-38.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. (orgs). Tradução Maria Inês Coimbra Guedes. *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, pp.111-126.

RIBEIRO, João Ubaldo. *A vida é um eterno amanhã*. In *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

SANTIAGO, Silviano. Silviano Santiago: A política através da palavra escrita. Entrevista para Lucia Helena. *Brasil/Brazil – Revista de Literatura Brasileira*, Porto Alegre, n. 7, pp. 83-96, 1992.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

Enviado em: 26/11/19.

Aceito em: 16/12/19.